

A GRANDE CAÇADA

Manhã nublada, um friozinho nas orelhas, o sol saindo devagar, sim degavar, no horizonte, levanta com calma da cama, coloca os chinelos de couro, sola fria, dá um arrepio, corre pro banheiro para se lavar, antes que briguem. Água fria demais, dois dedinhos na água, tira a remela dos olhos, escova os dentes bem rapidinho, pouca pasta para não fazer muita espuma e ter que molhar a cara de novo.

Vai rápido na cozinha, o fogão a lenha já estava fungando forte, um calorzinho gostoso. A chaleira, chiando e saindo uma fumacinha no cano, a leiteira, daquelas antigas, abertas com leitequentinho, no canto do fogão, bem no meio, uma panela com feijão começando a cozinhar e o sagrado, o sagrado bule de café preto, grande, de louça branca e um coador de pano, o cheirinho de café no ar, se misturando com o cheiro do pão recém tirado do forno, pão que só a nona sabe fazer, bonito, gostoso, cheiroso, pronto para comer com a chimia de figo feita em casa, eta coisa boa, assim da vontade de tomar café sempre.

Começa a chegar gente, dois primos, uma prima, o Zé que mora perto e o Pedrinho, novo e chato mas tem que estar junto, senão o Ze não pode vir. Conversaiada, brincadeiras mas, chegou a hora, vamos nos armar. Hoje é dia de caçada, o sol já saiu, esta forte, vai ser uma maravilha.

Perto do potreiro dividimos as forças, dois por um lado, os mais grande vão no fundo do mato e os pequenos ficam perto da cerca, pra evitar que o touro venha assustar eles. Todos armados, bernal no lado do corpo, pendurado. O Zé, que não tinha um, fez de saco de açúcar grande e barbante, ficou bem legal. Eta Zé, gente boa e criativo. Se vamo pro mato, é hoje o dia e não vamos perder isso por nada.

Correria, gritaria tipo - 'Achei um'; 'Peguei mais que tu'; 'hoje vai ser muito boa'; 'corre aqui que tem mais' - enfim, a gurizada se divertindo como nunca, enchendo os bornais com a caçada da semana.

A hora passa, todo mundo de bernal cheio, até o Pedrinho, que tinha arrumado uma meia de jogador para fazer de sacola, faceiro e gritando que também tinha caçado bastante, hehehe, nem ele sabe quanto nós caçamos, mas é divertido o gurizinho incomoda mas de vez em quando é bem legal brincar com ele.

Chegou a hora de preparar tudo. Todo mundo correndo para juntar grimpa, no pinheiro velho, de tronco grosso, meu pai disse que tem mais de 150 anos e que temos que proteger ele sempre, um montão de grimpa, dá para fazer uma fogueira de São João, mais uns pau pra engrossar e um espeto para cada um. Quem trouxe o fósforo? Que coisa, deixaram o fosforo no chão e o Pedrinho resolveu brincar, sobrou só dois palitos.

O montão de grimpa, todo mundo despeja o bernal encima, menos o Pedrinho, diz que não vai jogar fora os amiguinhos imaginários dele, que fique, é pouca coisa mesmo e não adianta ameaçar, ele faz cara de choro e não dá pra nós colocar no monte.

Ato solene, escolhido como o Acendedor do Fogo, o sujeito com domínio sobre o sucesso da caçada André se abaixa, pega a caixa de fosforo e a expectativa; alguém fala agourando 'não vai errar que não tem mais fosforo, tem que acender na primeira'. A excitação do ator principal, risca o palito na caixa, surge a chama e leva até a grimpa mais próxima, tenta, tenta, tenta. A grimpa estava úmida, muito grossa, o palito apagando, começou a queimar os dedos e Andre não aguenta, solta um praguejo e joga o que restou do palito no chão. Os parceiros se agitam, falam em substituir o Escolhido - 'sai dai, deixa que eu acendo'; 'deixa pra mim, você não vai conseguir'.

'Fiquem quietos, me traz aquela grimpa bem fininha, que ta bem seca'. Pedrinho grita, 'essa não, fui eu quem escolheu, é pra mim brincar'. Tarefa adicional, convencer o Pedrinho que a função dele na caçada é a principal, ele será o responsável pelo acendimento do fogo, a principal grimpa foi ele quem conseguiu. O guri fica faceiro, dizendo pra todo mundo que se não fosse ele, ninguém ia aproveitar a caçada.

André se abaixa de novo, risca o palito, a chama surge. Aproxima o fosforo da grimpa pequena, sequinha e com folhas bem fininhas. O fogo encosta, começa uma pequena chama na grimpa; para não perder o fogo, aproxima devagar de outra grimpa, maior, leva para uma terceira e começa a espalhar por todo o monte. Começa a barulheira, o fogo começa a ficar forte e eles tem que sair de perto, barulheira de grimpa, fumaça de grimpa. É hoje pensam todos.

O fogo baixa bastante; o que sobra, apagam com os pés, queimando a sola do tênis, de novo alias. Cada um com seu espeto, se abaixam, começam a separar o queimado do sapecado. Uns com pedra na mão, outros com pedaço de pau e o Pedrinho, hehehe, Pedrinho tendo que se encostar no Zé para poder comer também, senão ele queimas os dedos e tem guerra em casa.

Todo mundo abaixado e se divertindo, aquela foi a melhor Sapecada de Pinhão que fizeram, coisa boa, as mãos sujas de carvão, o pinhão novinho, grande. A semana que vem vamos fazer de novo, ah, não se esqueçam de levar um pouco pra casa, senão as mães vão reclamar que esquecemos delas. Semana que vem tem de novo, só não tirar nota ruim que a brincadeira sempre repete.

